



Universidade Eduardo Mondlane  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Departamento de Arqueologia e Antropologia

**Licenciatura em Antropologia**

**As várias línguas do poder: Uma análise de experiências individuais e colectivas sobre quando e quantos filhos ter entre os residentes do Bairro da Mafalala “A”, Cidade de Maputo.**

**Autora:** Maria Luísa Júlio Ngana

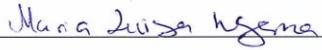
**Supervisora:** Sandra Manuel

Maputo, Novembro de 2020

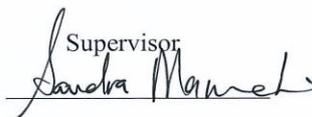
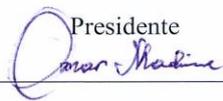
**As várias línguas do poder: Uma análise de experiências individuais e colectivas sobre quando e quantos filhos ter entre os residentes do Bairro da Mafalala “A”, Cidade de Maputo.**

Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de projecto de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane.

Autora



(Maria Luísa Júlio Ngana)

Supervisor  Presidente  Oponente 

Maputo, Novembro de 2020

## **Declaração de originalidade**

Eu, Maria Luísa Ngana, declaro que o presente relatório de pesquisa é original e nunca foi apresentado na sua íntegra para a obtenção de qualquer grau. Declaro ainda que o mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas as referências bibliográficas e as fontes de informação utilizadas para a sua realização.

---

(Maria Luísa Júlio Ngana)

Maputo, Outubro de 2020

## Dedicatória



*Figura: União Feminina*

*Fonte: Malú Ngana, Fevereiro 2020*

Dedico este trabalho a todas as mulheres vítimas de violência doméstica.

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por ter-me protegido e orientado durante a minha jornada e por ter-me fortalecido e amparado para vencer os desafios na vida académica. Agradeço de forma especial aos meus pais Júlio Ngana e Irene Ngana e a minha irmã Nelva Ngana pelo apoio financeiro e emocional durante a minha trajetória académica.

Agradeço a soma dos esforços empreendidos por muitos, sei que tal feito não teria sido realizado sem a cooperação de várias pessoas que colaboraram da melhor forma possível.

Ao corpo docente do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, da Universidade Eduardo Mondlane, pelos ensinamentos e a paixão imensurável pela área que nos transmitiram durante os quatro anos de duração do curso. Agradeço de forma especial a minha supervisora Sandra Manuel. Agradeço-lhe pela compreensão e apoio. Por um lado a sua arte de explicar de forma fácil e simples deu-me a tranquilidade necessária para a produção da pesquisa, por outro lado o seu ceticismo e rigorosidade tirou-me da zona de conforto e fez-me buscar outros questionamentos.

Agradeço ainda o docente Emídio Gune, pela sua disponibilidade e paciência durante a elaboração do meu projecto de pesquisa, suas críticas e sugestões ajudaram-me a ter uma visão mais clara sobre as regras básicas para a elaboração de um projecto de pesquisa.

Agradeço aos colegas da turma de antropologia 2015, pelos momentos passados. De forma particular agradeço os colegas Maria Natingue, Nércia Nhamussua e Orlando Quive pelo companheirismo no decorrer do curso. Ao Anésio Manhiça, ao Jeremias Mario, Nércia Nhamussua, Vânia Langa, Miguel Gouveia e Herminio Manhiça, o meu muito obrigado pelas sugestões, críticas e colaboração para a concretização desse trabalho.

Agradeço a minha irmã e psicóloga Nelva Ngana e pelo apoio emocional e ao meu irmão e informático Fernando Ngana pelo tecnológico, aos demais irmãos Museba Mbenzane, Ana Ngana, Helena Ngana, Isabel Ngana, e os seus parceiros Mauro Mutota Ana Tala, Natércia Mbezane, Narciso Muaacha, Isaac Mussagy, Filipe Cinturão, nomeadamente por todo apoio e incentivo prestado ao longo da minha vida académica. Aos participantes do estudo, o meu muito obrigado pela disponibilidade e colaboração durante o momento da realização do trabalho de campo.

## **Resumo**

As várias línguas do poder é um trabalho que analisa as diferentes formas do exercício do poder na tomada de decisão sobre quando e quantos filhos ter. Na literatura analisada, identificou-se duas perspetivas de análise. A primeira defende que o poder é algo que determinadas pessoas detêm e exercem sobre as outras, olhando-se a relação de poder entre parceiros heterossexuais como uma hierarquia (Amâncio, 1994; Daniel, 2001; Kergoat, 2007; Robbins, 2003; Romaneli, 2003; Weber, 1918). A outra defende que o poder flui e é construído na relação social (Boris, 2012; Foucault, 1979; Silva et al, 2012; Tavares, 1996; Wolf, 1996).

Estas duas visões permitem compreender o poder, por um lado, como algo estático no qual uns exercem e outros obedecem. Por outro lado, permitem compreender o poder como algo mutável, fluido e negociado em cada situação. Entretanto, coloquei sob escrutínio estas duas perspetivas de análise para perceber como funcionam as relações de poder entre casais na para a decisão de quando e quantos filhos ter no bairro da Mafalala.

Em linha com a segunda perspetiva realizei uma pesquisa etnográfica entre um grupo de residentes do bairro da Mafalala, Cidade de Maputo. A partir do presente estudo, compreendeu-se que na tomada de decisão de quando e quantos filhos ter o poder” fala várias línguas“, ou seja, é negociado e exercido de diversas formas através do conhecimento mútuo e\ou das vivências diárias. Importa referir que os resultados deste estudo reforçam a ideia do exercício do poder como algo fluido, onde qualquer indivíduo pode exercer o poder, dependendo de cada situação.

**Palavras-chave:** *Negociação, número de filhos, Poder e família*

## Índice

|  |                                      |
|--|--------------------------------------|
| Declaração de Originalidade.....   | i                                    |
| Dedicatória.....   | ii                                   |
| Agradecimentos.....  | iii                                  |
| Resumo.....  | iv                                   |
| Introdução.....  | 1                                    |
| <u>Capítulo I: Revisão da Literatura</u> .....   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Capítulo II: Quadro teórico e conceptual</u> .....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>3.1 Teoria</u> .....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Conceptualização</u> .....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Capítulo III: Procedimentos metodológicos</u> .....   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Método</u> .....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>4.2 Técnicas de recolha de dados</u> .....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Técnicas de registo, tratamento e análise de dados</u> .....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Constrangimentos no trabalho de campo</u> .....   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>4.5 Caracterização dos contextos da pesquisa</u> .....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>4.6 Descrição dos Participantes</u> .....   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Perfil dos participantes da pesquisa</u> .....  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Capítulo IV: Pressupostos para entender processos de decisão sobre o período e número de filhos</u> ..... | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>5.1 Histórias e Influências</u> .....   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>5.2 Conceito de concepção</u> .....   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Capítulo V: Critérios de diferenciação nas opções de modelos de ter filhos</u>                            | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Capítulo VI: Considerações finais</u> .....   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <u>Referências bibliográficas:</u> .....   | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |

## **1.Introdução**

O presente trabalho analisa experiências sobre quando e quantos filhos ter. O material da pesquisa foi colhido em casais residentes no bairro da Mafalala, cidade de Maputo. Começou-se o estudo com o interesse de compreender as diferentes formas de participação política no bairro da Mafalala, cidade de Maputo. Por se tratar de um tema de interesse, inicialmente, pretendia-se compreender como é que as mulheres constituem mais de 52% da população moçambicana, tal como aponta o Instituto Nacional de Estatística (2014), em contra partida, têm uma baixa representatividade nos órgãos governativos (30% para mulheres e 70% para homens), embora a mulher tenha o direito à participação política. (INE: 2014)

Com o intuito de aprofundar o assunto, iniciou-se uma pesquisa exploratória no bairro da Mafalala, especificamente no Campinho da Mafalala. Durante a realização da pesquisa exploratória, convivi e conversei com alguns moradores deste bairro e, durante o referido convívio a reincidência de assuntos relacionados com relações de poder entre cônjuges chamaram a minha atenção.

Por forma a dar continuidade ao assunto, realizei a revisão da literatura sobre o tema, tendo constatado que há uma escassez de literatura que explora as dimensões em torno da reprodução em Moçambique, mas especificamente sobre as estratégias usadas entre parceiros na negociação para conceber. Neste âmbito, o presente estudo procura compreender como os parceiros residentes no bairro da Mafalala negociam sobre quando e quantos filhos ter. Pretende-se dissecar o modo como casais articulam o poder, estratégias, táticas e influências dentro das suas relações. De modo a compreender melhor o tema, fiz uma revisão da literatura sobre a pesquisa.

Da literatura analisada identifiquei duas perspectivas. A primeira defende o poder como algo que determinadas pessoas detém e exercem sobre as outras, olhando-se para a relação de poder entre parceiros heterossexuais como uma hierarquia (Amâncio, 1994; Daniel, 2001;Kergoat, 2007; Robbins, 2003;Romaneli, 2003;Weber, 1918). A segunda defende que o poder é construído na relação, o que permite que ele flua dependendo de uma situação social concreta e olha-se a relação de poder como algo instável que varia

de parceiros para parceiros, mediante uma negociação (Boris, 2012; Foucault, 1979; Silva et al, 2012; Tavares, 1996; Wolf, 1996).

A referida literatura permite compreender duas situações do exercício do poder, na primeira, uns exercem o poder e outros apenas obedecem e, na segunda, o poder é fluído e negociado em cada interação concreta. Em linha com a segunda perspectiva, realizou-se uma pesquisa etnográfica entre um grupo de residentes no bairro da Mafalala, cidade de Maputo, apoiada pelas ideias de Foucault (1979) para quem o poder é algo negociado na relação, o que o torna fluído. Propus-me a acompanhar diferentes experiências, vivências e opiniões para compreender as influências individuais ou colectivas por detrás da relação de poder, bem como dissecar mecanismos alternativos que casais usam no exercício do poder na tomada de decisão do período e número de filhos. Com vista a alcançar este objectivo, o trabalho teve como ponto de orientação a seguinte questão: *Como é feita a tomada de decisão do período e do número de filhos no bairro da Mafalala na cidade de Maputo?*

Os resultados deste estudo permitem concluir que o poder é instável e é negociado na relação social de tal modo que flui na tomada de decisão de período e número de filhos. Em alguns momentos, os parceiros exercem poder sobre as parceiras e em outros momentos, as parceiras exercem o poder sobre os parceiros. Ninguém é titular do poder.

Com a pesquisa, que permitiu conhecer as vivências, bem como ter maior profundidade das características das pessoas envolvidas na tomada de decisão do período e do número de filhos, Percebi ideias e perspectivas que os indivíduos têm sobre este processo. O exercício do poder, propriamente dito, é um papel em branco, onde hoje és o escritor e amanhã és apenas o observador.

O presente trabalho está organizado em sete capítulos. Dos quais, o primeiro está reservado a apresentação da revisão da literatura, no qual apresento as principais linhas de discussão sobre o assunto, de seguida desenvolvo cada uma das abordagens e as respetivas limitações. No segundo capítulo mostro a teoria e os conceitos que adoto para a realização do trabalho. No terceiro capítulo descrevo como procedi metodologicamente, apresento o método, as técnicas de recolha dos dados, técnicas de registo, tratamento e análise de dados, e os constrangimentos encontrados durante a

realização do trabalho de campo. No quarto capítulo descrevo o local e os participantes da pesquisa.

No quinto capítulo, apresento e analiso os dados, em quatro secções. Na primeira secção apresento descrevo e analiso histórias e a influência dos interlocutores do estudo no processo de tomada de decisão, na segunda descrevo, analiso discursos e representações sobre a ideia de conceber. No sexto capítulo, descrevo e analiso diferentes forma diferentes do exercício do poder e bem como procuro perceber as lógicas do poder dentro das relações a partir da tomada de decisão de quando e quantos filhos ter. Por fim, no sétimo capítulo apresento as considerações finais do trabalho.

## Capítulo I: Revisão da Literatura

No presente capítulo, apresento a revisão de literatura sobre Relações de poder. Começo por apresentar as abordagens sobre relações de poder, a posterior, faço o desenvolvimento de cada uma delas.

Da literatura analisada identifiquei duas perspectivas, das quais a primeira olha para o poder como algo que determinadas pessoas detêm em detrimento das outras e olha-se a relação de poder entre parceiros heterossexuais como uma hierarquia (Amâncio, 1994; Daniel, 2001; Kergoat, 2007; Robbins, 2003; Romaneli, 2003; Weber, 1918) e a segunda defende que o poder é construído na relação, o que permite que ele flua dependendo de uma situação social concreta e olha a relação de poder como algo instável que varia de parceiros para parceiros mediante uma negociação (Boris, 2012; Foucault, 1979; Silva et al, 2012; Tavares, 1996; Wolf, 1996).

Um dos autores que subscreve a primeira perspectiva é Weber (1918), partindo de uma análise sobre instituições, o autor considera que determinadas pessoas detêm o poder em detrimento das outras, porém para o autor o poder deriva da posição que a pessoa ocupa. A explicação de Weber (1918) permite compreender que o poder é algo estático e objectivo, que deve ser olhado de forma hierárquica, porém esta perspectiva deixa de lado um leque de coisas que podem acontecer fora da hierarquia.

Na mesma linha de Weber (1918), Robbins (2003) refere que o poder é a capacidade que uma pessoa tem de influenciar o comportamento da outra, de maneira que quem recebe as ordens aja de acordo com a vontade de quem ordena. Para este autor, há uma dependência da parte de quem recebe as ordens e cumpre (Robbins 2003).

A explicação de Robbins permite compreender que sempre existe alguém que sobrepõem-se a outra pessoa e a mesma pessoa que detém o poder tem a capacidade de transformar o comportamento de quem recebe.

De acordo com Romaneli (2003), citado por Mel e Carvalho (2013), a família deve ser vista como uma estrutura hierarquizada, na qual o marido/pai exerce autoridade e poder sobre a esposa e os filhos. Desta forma, para Romaneli (2003) a hierarquização tem sido definida a partir de uma estrutura de poder, onde a hierarquia envolve a compreensão de

como estabelecer a organização da família com base na cultura do patriarcado. A explicação de Romaneli (2013) permite compreender a família como uma hierarquia na qual o homem é que é o chefe de família e autoridade máxima, porém a autora deixa de lado aspectos que acontecem fora desta estrutura socialmente definida.

Ainda sobre a primeira perspectiva, Kergoat (2007), por sua vez, discute as relações de poder a partir do gênero. Segundo Kergoat (2007), a diferença entre a superioridade masculina e a inferioridade feminina surge no momento em que se define trabalhos para homens e para as mulheres. Assim sendo, os homens tomam uma posição privilegiada, pois o princípio hierárquico valoriza o trabalho do homem em detrimento da mulher. Para Kergoat (2007), os homens são detentores do poder e as mulheres, por sua vez, são desprovidas do mesmo.

A explicação de Kergoat (2007) permite compreender que a posição do homem como detentor do poder em detrimento da mulher surge da diferença de trabalhos para ambos e, tal como os demais atores da primeira perspectiva, também olha a família e a relação conjugal heterossexual como uma hierarquia, porém estas visões perdem de vista as outras formas do exercício do poder fora da estrutura socialmente definida.

Na mesma linha de Kergoat (2007), Rodman (1972) defende que os cônjuges possuem as normas relativas aos papéis de gênero, onde os mesmos exercem um efeito importante sobre a relação de poder entre cônjuges, deste modo, o marido possui muitas vezes um poder legítimo.

Para Amâncio (1994) e Daniel (2011), a natureza dos corpos justifica os trabalhos femininos e trabalhos masculinos, esclarece o facto de, por um lado, as mulheres serem desprovidas de poder e os homens serem os detentores do mesmo. A explicação de Amâncio (1994) e Daniel (2011) permite compreender que a divisão sexual do trabalho de homens e mulheres deve-se, sobretudo, a questões biológicas ou genitais, mas os autores perdem de vista outros aspectos sociais.

Da análise feita, na primeira abordagem compreendi que o poder é algo que determinadas pessoas detêm e exercem em detrimento das outras delas desprovidas. Compreendi também que existe uma divisão sexual do trabalho, biologicamente e socialmente definidas e que a mesma interfere ou sempre interferiu na superioridade masculina e na inferioridade feminina, socialmente definidas. Assim, a família é vista

como uma estrutura hierárquica em que o marido/pai ocupa a autoridade máxima, depois segue-se a esposa e por fim os filhos.

Com uma perspetiva diferente da primeira, a segunda defende que o poder flui e que a mesma está presente em todas as relações sociais.

Um dos autores que subscreve esta abordagem é Foucault (1979) ao defender que o poder não está em uma instituição ou em um indivíduo, o mesmo não está estabelecido de forma vertical, onde existe um superior que manda sobre os seus subordinados, ele é algo que está presente em todas as ramificações da sociedade, em todos os lugares e em todas as pessoas. Foucault (1979) considera, sobretudo, o poder como uma prática social em constante transformação. A explicação de Foucault (1979) permite compreender que nenhum indivíduo pode ser dono do poder e nem se pode olhar o poder de forma hierárquica, mas como uma prática social que é negociada em cada relação concreta.

Na mesma linha de Foucault (1979), Boris (2012), na sua resenha sobre relações de poder entre conjugues baseada na obra de Álvaro Fernandes, considera o poder como uma construção social. Para Boris (2012) a pesquisa feita sobre relações de poder permitiu compreender que cônjuges desenvolvem diversificadas estratégias de poder em suas negociações, que constituem jogos políticos de avanços e recuos. Boris (2012) salienta que a pesquisa descobriu que as negociações entre eles começam no namoro e se intensificam no casamento, em decorrência do conhecimento.

A explicação de Boris (2012) permite compreender que o poder é algo construído socialmente, que as relações de poder entre cônjuges não são estáticos, mas sim subjectivas para cada casal que, por fim, é negociada constantemente entre cônjuges à partir de jogos políticos e conhecimento entre ambos.

Na mesma linha que Boris (2012), Heilborn (1998) considera a gravidez como sendo um projecto de negociação bem-sucedido ou não, que permitiria realizar a transição para um outro *status*, seja conjugal ou de maioridade social.

Silva et al (2012) considera que o facto de homens e mulheres apresentarem especificidades biológicas e fisiológicas diferentes, não significa que exista uma diferença na divisão do trabalho. É necessário que sejam vistos de forma igualitária na sociedade, pois são capazes de desempenhar qualquer tipo de actividade. Silva et al

(2012) mostra com alguns exemplos, mulheres inseridas no espaço público com a independência financeira e assumindo papel de chefe de família.

A explicação de Silva et al (2012) contraria a ideia trazida na primeira abordagem, de que existem trabalhos específicos para homens e para mulheres e que os mesmos são ditadores da superioridade masculina e inferioridade feminina, cuja base está socialmente estabelecida. Para este autor, tanto as mulheres como os homens são capazes de desempenhar qualquer actividade ou função.

Para Wolf (1996), citado por Ribeiro e Feldman-Bianco (2003), defende que o poder é um aspecto comum em todas as relações entre pessoas e é visto como um elemento fluido e equilibrado que faz parte de um jogo onde há alguns que perdem e outros que ganham. A explicação de Wolf (2012) permite compreender que o poder é algo mutável e equilibrado, não tem uma estrutura pré-definida.

De acordo com Tavares (1996) o poder é uma componente da vida social, que está presente em qualquer relacionamento e para melhor compreender suas manifestações é preciso considerar o contexto social e as características das pessoas envolvidas no processo de influenciar e ser influenciado. A explicação trazida por Tavares (1996) permite compreender e olhar o poder como parte da vida social dos indivíduos, permite ainda compreender e olhar os atores envolvidos neste processo.

Para a segunda abordagem, o poder está em todo tipo de relação social e na relação de poder entre parceiros heterossexuais o mesmo é subjectivo e negociado à partir de táticas, jogos ou até mesmo do conhecimento entre ambos. Neste contexto com base na bibliografia consultada, pretendo aprofundar as relações de poder entre parceiros heterossexuais à luz desta abordagem.

Por um lado, as abordagens permitem compreender como o poder é construído dentro das relações, por outro, fica por compreender as influências individuais e colectivas por detrás da relação de poder entre parceiros.

## **Capítulo II: Quadro teórico e conceptual**

### **Teoria**

Nesta pesquisa, baseio-me na perspectiva teórica de Foucault (1979) sobre a fluidez do poder. Segundo Foucault (1979), o poder não é algo que se possa possuir, pois, segundo o autor, o poder não existe, o que há são relações e práticas do poder e estão presentes em todas as ramificações da sociedade.

Ainda de acordo com Foucault (1979), o poder não é homogéneo e não pode ser apropriado como um. Ainda nesta linha, o poder não é constituído por ideologias, mas sim por um conjunto de técnicas que se foram refinando, tal como a ciência, de forma a alcançar os seus objectivos de dominar.

O pensamento de poder apresentado por Foucault (1979) permite compreender que o poder no seio de casais não é estático e não está estabelecido de forma vertical onde os superiores mandam os inferiores, mas sim é produto de uma negociação dentro das relações sócias.

### **Conceptualização**

No presente trabalho operacionalizo os seguintes conceitos: negociação, poder, fluidez e família.

#### **➤ Negociação**

Segundo Berley (2013), negociação é um processo que envolve duas ou mais partes com o interesse comum e antagónicos onde se reúnem pessoas para negociar propostas e alcançarem um acordo. Esta definição permite compreender as negociações como um processo de duas ou mais pessoas para um único objectivo.

Com uma posição similar de Berley (2013), Rodrigues e De Oliveira (2013) definem a negociação como um processo que envolve duas ou mais pessoas com objectivo de chegar a um acordo. Rodrigues e De Oliveira acrescentam ainda que o processo de

negociação dá-se pela necessidade de uma das partes resolver um determinado problema ou solucionar um conflito.

O conceito de negociação de Rodrigues e De Oliveira (2013) permite compreender que para uma boa negociação, as partes envolvidas devem estar interessadas na negociação, e se isso não se concretizar nunca haverá êxito, permite ainda entender que a negociação não acontece sozinha, é preciso que ambas partes tenham a mesma intenção para que se realize.

Diferentemente de Rodrigues e De Oliveira (2013), Boehs (2002) define a negociação como uma actividade comunicativa que visa atingir um acordo em determinadas situações sobre diferentes ideias e necessidades.

A explicação de Boehs (2002) permite compreender a negociação como uma actividade comunicativa para se atingir um acordo, contudo, ao considerar a negociação como o uso do poder para influenciar o comportamento, perde de vista situações no processo de negociação, por exemplo sobre onde o poder é fluído.

Neste trabalho, por negociação, entendo ser um processo fluído entre duas ou mais pessoas de modo a chegar a um acordo.

#### ➤ **Poder**

Neste estudo sobre relações de poder entre parceiros heterossexuais, proponho-me a usar o conceito de poder proposto por Foucault (1979) em que considera o poder como algo negociado em cada relação concreta, como também algo fluído e construído na relação social.

O conceito de poder proposto por Foucault (1979) permite compreender o poder, não como algo concreto, mas sim abstracto e presente em todas as sociedades, que flui dentro das relações sociais.

#### ➤ **Fluidez**

Jorge Viesentiner (2013) considera a fluidez como algo mutável, de acordo com o contexto. Para o autor, o pensamento da fluidez expressa a mutabilidade da essência de uma unidade de vida em sua rede vital, assim, alteram-se as condições de vida e ou mesmo as condições de emprego de um conceito e seus sentidos também serão continuamente deslocadas.

A explicação de Viesenteiner (2013) permite compreender a fluidez como algo sutil e mutável que ocorre dentro das relações sociais.

➤ **Família**

Segundo Andrade (1998), família é entendida como corpo institucionalizado onde, através de relações de cooperação estabelecidas, faz-se a socialização de membros. Por um lado, como agente de socialização, a família produz e reproduz valores, regras e sanções, visando desenvolver conformidades geradoras de coesões, independentemente do meio de pertença.

Por outro lado, como corpo social, a família estrutura e revela os modos como as pessoas se organizam e pensam na sociedade, ao mesmo tempo em que elabora estratégias de adaptação e mudança social.

## Capítulo III: Procedimentos metodológicos

### Método

O presente trabalho foi realizado em três fases complementares a saber: a fase exploratória, acompanhada da revisão da literatura ou análise bibliográfica documental; a pesquisa etnográfica e por fim a análise e discussão dos dados. A primeira fase foi reservada ao estudo exploratório de campo e revisão de literatura, dividi-a em duas partes. A primeira parte decorreu entre os meses de Novembro de 2018 a junho de 2019 e nela realizei a pesquisa exploratória no bairro da Mafalala com o intuito de fazer o recorte do que pretendia estudar. Quanto à segunda parte decorreu de Agosto de 2019 á Fevereiro de 2020 onde fiz a revisão da literatura.

A revisão da literatura visava saber o que já foi escrito sobre o assunto em estudo, onde as bibliotecas do Departamento de Arqueologia e Antropologia. Na biblioteca Central Brazão Mazula consultei livros, revistas eletrónicas, teses de licenciatura e artigos disponíveis na internet.

A segunda fase decorreu entre os meses de Agosto de 2019 á Dezembro de 2019. A mesma consistiu na pesquisa etnográfica no bairro da Mafalala, na cidade de Maputo, junto a casa e locais de trabalho dos participantes. Realizei a pesquisa nas residências dos entrevistados, nos quarteirões 09 e 10 do bairro da Mafalala, bem como nos locais de trabalho, tais como a salão de cabeleiro, a alfaiataria e nos locais de venda de *Rachel*<sup>1</sup> assado situados no mercado de Mafalala, nos locais de lazer, tais como bar e *campinho da Mafalala*<sup>2</sup>.

A pesquisa etnográfica é a fase das observações directas e entrevistas semiestruturadas, onde durante a pesquisa etnográfica foi possível recolher dados sobre a tomada de decisão de quando e quantos filhos ter entre parceiros no bairro da Mafalala. A pesquisa é de carácter qualitativa onde entrevistei alguns parceiros (6) que vivenciaram a

---

<sup>1</sup> Rachel é um enchido feito a partir de carnes frescas ou defumadas, moídas, com gordura animal, ervas, especiarias e outros ingredientes

<sup>2</sup> Campinho da Mafalala é um nome dado pelos moradores da Mafalala a um campo de futebol de Mafalala.

experiência de ter filhos no bairro da Mafalala. A abordagem qualitativa ajudou-me na aproximação entre o sujeito e o objecto, envolvendo empatia aos motivos, às intenções e os projectos dos actores a semelhança do que explica Peirano (1995).

A terceira fase do trabalho começou no fim do mês de Dezembro de 2019 e terminou nos finais de Março de 2020. Nesta fase, analisei os dados e elaborei o presente relatório de pesquisa.

### **3.1 Técnicas de recolha de dados**

Para a realização do presente trabalho usei como técnicas de recolha de dados, a observação, as conversas informais e as entrevistas semiestruturadas.

Realizei a observação no bairro da Mafalala no quarteirão nº 9 e 10, concretamente no *campinho da Mafalala*<sup>3</sup> e arredores, junto à residência, locais de lazer e locais de trabalho dos participantes. O foco da minha observação estava em dois locais, o primeiro era o salão de cabeleireiro onde trabalha a Michela, uma Jovem de 27 anos com dois filhos, que vive maritalmente e o outro, o local de venda de *rachel*<sup>4</sup> assado pertencente à Marta, uma senhora de 56 anos, com seis filhos.

A observação no local de venda de *rachel* permitiu-me ver, primeiro, que a maioria das pessoas que frequenta aquele espaço é do género masculino e, segundo, que havia muitas crianças sozinhas a brincar com outras crianças ao redor da vendeira no período nocturno.

Durante a referida observação, conversei com a Michela, Cabeleireira de profissão, a Marta, vendedeira de *rachel*, e demais pessoas que eram os clientes das interlocutoras que se aproximavam e conversavam com as participantes. Quando arranjasse disponibilidade observava, adicionalmente, no período das 16 horas às 19 horas, alguns momentos de lazer como os jogos de futebol, aos sábados, os jogos de *n'txuva*<sup>5</sup> que aconteciam no fim das tardes de todos os dias e as conversas em bares. Neste processo,

---

<sup>3</sup>Campinho da Mafalala é um nome dado pelos moradores da Mafalala a um campo de futebol de Mafalala.

<sup>4</sup>Rachel é um enchido feito a partir de carnes frescas ou defumadas, moídas, com gordura animal, ervas, especiarias e outros ingredientes.

<sup>5</sup>N'txuva segundo os participantes é um jogo antigo na África feita em uma tábua, ou ate mesmo feito no chão cavando quatro fileiras de buracos.

participei de uma roda de dança local, na qual consegui familiarizar-me com os residentes daquele contexto.

No que concerne às conversas informais, dialoguei com a Michela, Cabeleireira, a Marta, vendedeira de *rachel*, e outras pessoas, os clientes das interlocutoras, que se aproximavam e conversavam com as participantes. Esta técnica permitiu-me questionar, de forma informal, alguns aspectos que observei. Através da referida conversa, percebi que os interlocutores acham que estar naquele local, a vender *rachel*, de noite, não é adequado para as mulheres. Alegam que grande parte dos que frequentam aquele local são bêbados ou marginais e que, conseqüentemente, podem trazer perigo para as mulheres. Referem-se também ao negócio como privilégio para as mulheres que não têm marido e filhos, visto que o grosso dos clientes são homens.

Ao questionar sobre as crianças na rua, no período noturno, os interlocutores disseram que a convivência com as outras crianças faz com que elas influenciem umas às outras, acabando por adquirir o hábito de ficar fora de casa à noite. Alguns interlocutores, que se faziam presentes no local, disseram que outros casais só fazem filhos sem planejar, pois não cuidam dos mesmos.

Estes relatos permitiram-me não só fazer uma analogia entre a observação e a conversa, por forma a entender melhor os pressupostos envolvidos durante o processo de decisão sobre quando e quantos filhos ter, como também me convidaram a ir além do que observo e ouço, entendendo as motivações, nos bastidores, que induzem as nossas escolhas.

As conversas também me permitiram perceber que, dependendo da gravidade do problema no seio das relações conjugais, estes convocam um concelho familiar por forma a aconselhar o casal. Geralmente é constituído por padrinhos, tios, irmãos, ou qualquer outro parente próximo que o casal nutra alguma confiança e admiração.

Quanto às entrevistas semiestruturadas, realizei-as nas residências dos participantes do estudo, nos quarteirões 9 e 10, próximos ao campinho da Mafalala. As entrevistas decorreram entre os meses de Novembro e Dezembro de 2019 e nesse período entrevistei doze participantes, ou seja, seis casais. O uso de entrevistas semiestruturadas permitiu-me perceber, a fundo, diferentes táticas que os casais desenvolvem no processo de negociação para tomar a decisão sobre o período e número de filhos.

Para a realização da presente pesquisa, pedi o consentimento dos interlocutores, bem como dos diferentes espaços que frequentei e todas as pessoas envolvidas. Durante a transcrição das entrevistas, procurarei usar uma linguagem clara, objectiva e inclusiva, garantindo o máximo de cuidado para manter toda essência da entrevista. Por fim, importa referir que para proteger a identidade dos informantes irei usar nomes fictícios.

### **3.2 Técnicas de registo, tratamento e análise de dados**

Durante a pesquisa, usei um diário de campo para registar os dados e um gravador. O uso do diário serviu para anotar a descrição do contexto e para anotar alguns aspectos que aconteciam durante a interação com os participantes do estudo. Esta técnica foi importante, principalmente nos dias de lazer, sábados e domingos. Neste caso, nas conversas que eram tidas no bar enfrente ao campinho com os interlocutores e outros visitantes, nas partidas do jogo e para as conversas em grupos, no final da tarde, próximas da vendedeira de *rachel* assado.

O diário de campo permitiu-me, posteriormente, consolidar a minha compreensão do assunto. Adicionalmente, usei um gravador, este serviu para captar detalhes ínfimos da entrevista que passaram despercebidos no meu bloco de notas, estes detalhes foram importantes para a pesquisa. Após o registo das conversas, entrevistas e dos fenómenos observados, transcrevi as entrevistas e as informações do diário para o caderno. Assim, fiz leituras constantes de modo a encontrar regularidades nos discursos e nas práticas dos participantes.

Organizei os dados em quatro sessões que me permitiram compreender, dos diferentes discursos, lógicas da negociação para conceber entre os parceiros e descrevi cada tópico, fazendo um diálogo com a revisão da literatura.

### **3.3 Constrangimentos no trabalho de campo**

Durante a realização da pesquisa tive dois constrangimentos. O primeiro constrangimento ocorreu na identificação de participantes do estudo, estes recusavam-se a participar porque pensavam que fosse para o censo populacional. Perante essa situação, mostrei o meu cartão de estudante e joguei *n' txuva* com eles de modo a inserir-

me naquele contexto e estabelecer relações. Posto isto, conheci Armando, este por sua vez, apresentou-me outros participantes e outras pessoas que deram informações adicionais ao trabalho.

O segundo constrangimento ocorreu devido a minha dificuldade de separar alguns casais no ato da entrevista. Para superar esse constrangimento, criei uma dinâmica, intitulada “*meus olhos sua voz*” como forma de mostrar o impacto que uma influência externa tem sobre a opinião pessoal, tendo conseguido separar os parceiros.

## Capítulo IV: Descrição do Local e participantes da pesquisa

### 4.1 Descrição do Local

O estudo foi realizado no bairro da Mafalala, em três contextos. Nas residências dos participantes do estudo, locais onde os participantes trabalham, locais de venda de recargas, locais de vendas de roupas, locais de venda de acessórios de telemóveis, locais de venda de produtos alimentares, salões de cabeleiro, e por último locais de lazer, *campinho da Mafalala* e bares próximos do campinho.

O bairro da Mafalala localiza-se no distrito de KaMaxakeni. Segundo participantes da pesquisa, o bairro da Mafalala esta subdividido em três partes, nomeadamente A, B e C. Para alguns interlocutores, como a Marta, Mafalala é o berço da história de Moçambique, pois viu crescer grandes nomes como Samora Machel, José Craverinha, Noémia de Sousa e outros. Segundo os residentes da Mafalala, o nome *Mafalala* tem origem Macua, nome corruptela de *Lifalala*, que se referia a uma dança que atraía gente de diferentes quadrantes da cidade.

No interior da Mafalala observei casas feitas de madeira e zinco, algumas com muros pequenos na parte frontal, outras pintadas. Parte das ruas são amplas, mas grande parte são becos e as chapas de zinco fazem a demarcação das casas.

O bairro apresenta infraestruturas como hospital, escolas, igrejas, campos desportivos, mercado, locais de pasto, padarias, pensões e lojas. Essas infraestruturas exercem um papel importante na prestação de serviços e satisfação das necessidades básicas dos moradores.

O presente estudo centra-se concretamente no *campinho da Mafalala* e arredores. O *Campinho da Mafalala* é um nome atribuído, por moradores do bairro da Mafalala, ao lugar que serve para lazer, entretenimento e diversão para os moradores e demais.



Figura: Campinho da Mafalala

Fonte: Maria Luísa Ngana

O *campinho da Mafalala* é um lugar amplo, onde os moradores e demais pessoas jogam e assistem futebol. Reúnem-se para conversar, trocar opiniões e também para divertirem-se. Pode-se observar um edifício denominado Museu da Mafalala, bem próximo ao campo. Segundo participantes, este museu é um lugar que atrai visitantes de diversos cantos e torna o bairro ainda mais conhecido.

Nesta pesquisa, pretendo explorar três contextos, desde as residências dos participantes do estudo, locais onde os participantes trabalham e por último locais de lazer.

De forma geral, os participantes do estudo residem em casas de madeira e zinco, com um ou dois quartos e uma sala. Neste meio, as famílias partilham as casas de banho e o varal de roupa. A demarcação de espaços é feita majoritariamente com base em chapas de zinco. No que concerne aos locais de trabalho, parte dos participantes trabalham nas proximidades do campinho da Mafalala, como é o caso da Michela que trabalha como Cabeleireira em Mafalala. Outros participantes desenvolvem o comércio informal nos

mercados de Xipamanine e Estrela. Os locais de lazer que pretendo explorar são o campinho da Mafalala e bares próximos do mesmo. Nesses lugares, os participantes divertem-se, trocam experiências e dividem opiniões.

## **4.2 Descrição dos Participantes**

### **➤ Perfil dos participantes da pesquisa**

Durante a realização da pesquisa, fizeram parte desta pesquisa doze indivíduos, dos quais, seis indivíduos do sexo masculino e outros seis do sexo feminino. Os mesmos vivem maritalmente, tem idades que variam entre os 27 aos 65 anos de idade. Quanto à escolaridade, um participante tem o nível superior, três dos participantes têm a 12<sup>a</sup> classe concluída, os outros três têm níveis de escolaridade que variam entre a 3<sup>a</sup> classe e a 11<sup>a</sup> classe. Todos participantes desenvolvem actividades de auto-sustento na cidade de Maputo nos mercados Mafalala, Xipamanine e Estrela.

Outros participantes como o Armando e o Júlio afirmam que estão desempregados porém para o auto sustento desenvolvem alguns trabalhos momentâneos, que parentes e amigos solicitam. Como critério de seleção dos interlocutores, primeiro realizei uma pesquisa exploratória, no bairro da Mafalala, e participei de alguns encontros de poesia, música e dança que decorreram em Mafalala, onde tive acesso aos residentes que me apresentaram o bairro. Posto isto, consegui identificar o interlocutor Armando que apresentou-me aos participantes e aos que deram informações adicionais.

Como forma de proteger a identidade dos informantes irei usar nomes fictícios que estão distribuídos de acordo com a idade e a profissão, como mostra a seguinte tabela:

| <b>Pseudónimo</b> | <b>Idade</b> | <b>N ° filhos</b> | <b>Parentesco</b>     | <b>Ocupação</b>                                |
|-------------------|--------------|-------------------|-----------------------|--|
| Marta             | 30 Anos      | Três filhos       | Parceira do Cláudio   | Vendedeira do mercado Xipamanine               |
| Cláudio           | 36 Anos      | Três filhos       | Parceiro da Marta     | Carpinteiro                                    |
| Joana             | 52 Anos      | Seis Filhos       | Parceira do Armando   | Vendedeira de “Rachel” em Mafalala.            |
| Armando           | 57 Anos      | Seis Filhos       | Parceira da Joana     | Desempregado                                   |
| Lina              | 27 Anos      | Três Filhos       | Parceira] do Dinho    | Vendedeira de roupa, e crédito.                |
| Dinho             | 37 Anos      | Três Filhos       | Parceiro da Lina      | Vendedor de telemóveis e acessórios no Estrela |
| Quitéria          | 48 Anos      | Três Filhos       | Parceira do Júlio     | Curandeira                                     |
| Júlio             | 44 Anos      | Três Filhos       | Parceiro da Quitéria  | Desempregado                                   |
| Michela           | 29 Anos      | Dois Filhos       | Parceira do Eusébio   | Cabeleira no bairro da Mafalala                |
| Eusébio           | 30 Anos      | Dois Filhos       | Parceiro da Michela   | Contabilista                                   |
| António           | 65 Anos      | Seis Filhos       | Parceiro da Esperança | Alfaiate                                       |
| Esperança         | 58 Anos      | Seis Filhos       | Parceira do António   | Vendedeira de <i>Malambe</i>                   |

## Capítulo V: Pressupostos para entender processos de decisão sobre quando e quantos filhos ter

### 5.1 Experiências, estórias e Influências

As histórias, as opiniões e as influências que os indivíduos vivenciam, ao longo da vida, não são em si indicativos para entender a relação de poder dentro das relações. Entretanto, estes termos nos ajudam a perceber a complexidade na relação de poder, onde entendemos cada indivíduo envolvido no processo de negociação como um ser humano carregado de experiências, influências e opiniões que influenciam directamente nas decisões do casal.

Alguns interlocutores, como a Esperança, mostram que os valores pré-concebidos da família de origem podem ser grandes indicadores em relação a opiniões, comportamentos e posições na tomada de decisão de quando e quantos filhos ter a semelhança do que Andolfi et al citado por Fernandes (2012) explica ao relacionar valores preconcebidos nos relacionamentos afetivo-sexuais, tal como explicam a Joana e a Esperança:

*(...) Minha amiga, eu acho que basta a mulher casar-se esta deve ter filhos. Para mim que o número de filhos depende, mas é importante ter pelo menos de cinco em diante para deixar o prestígio do seu marido, como dizia minha avó, que deixara do meu avô (...)* “Joana 52 anos, vendedeira de Rachel, entrevista semiestruturada“.

*(...) Tio Luís gritava na sua oração e dizia para Deus tirar o marido espiritual da tia Ana e fazer o seu marido voltar a interessar-se por ela, acima de tudo, Tio Luís pedia para que Deus lhe desse um filho para assegurar o seu casamento. Depois de dois anos, tio Zito (esposo de Ana) devolveu-lhe e disse que ela não era mulher“.* “Esperança 58 anos, vendedeira de sumo, iogurte e gelinho de *malambe* e roupas usadas em Mafalala, entrevista semiestruturada“.

Nos contextos dominados pela ideologia patriarcal, alguns valores transmitidos pelas famílias, como a divisão das actividades domésticas de acordo com género, representam um esforço colectivo de preparo, através das actividades domésticas e de controlo da sua sexualidade. Como escreve Loforte (2003), para a mulher a função mais evidente é a da reprodutora física do grupo.

Neste âmbito, desde a infância existe um esforço colectivo para inculcar os papéis de género, principalmente dentro das relações conjugais, onde a principal função da mulher é a procriação, como conta a Joana:

*(...) Todos os dias ele acordava e ia pastar as vacas com o mano Timóteo e o Jorge, e quando regressava atendia os clientes que vinham de diferentes zonas...A minha mãe, a Rosinha e eu acordávamos, varriamos o quintal, íamos para a machamba, cartávamos água e quando regressávamos tínhamos que cozinhar. Os homens ficavam sempre com o papá e nós com a mama, a minha avó dizia que seríamos boas esposas. Agora não existem mulheres que sabem cuidar do seu lar como antigamente (...)* “Joana 52 anos, vendedeira de Rachel, entrevista semiestruturada“.

O posicionamento religioso apresenta similaridades com a ideologia patriarcal. Este assegura que os papéis de género, socialmente definidos, sejam cumpridos e garantam que a procriação seja o principal resultado de uma união, como é o caso da Esperança que acha irrelevante falar da tomada de decisão de filhos, pois para ela à partir do momento que um casal une-se, existe uma disposição automática do corpo da mulher para gerar filhos, tal como a entrevista documenta

*(...) Quando uma mulher fica esposa de um homem, à partir daí deve dar filhos ao seu cônjuge. Afinal, são casados para quê? O papel da mulher é de dar filhos aquele homem...Eu, por exemplo, não escolhi quantos filhos ia ter, nós não pensávamos esse tipo de coisa, mas eu acho que é sempre bom ter pelo menos quatro ou cinco, assim tens a casa (sorrindo) cheia (...)* “Esperança 58 anos, vendedeira de sumo, iogurte e gelinho de *malambe* e roupas usadas em Mafalala, entrevista semiestruturada“.

Apesar de existirem muitas narrativas sobre a tomada de decisão de quando e quantos filhos ter, existem situações específicas que os parceiros acham que lhes é retirado o poder de decisão. Quando a gravidez surge de forma inesperada, à semelhança do que explica Dourado e Peloso (2006) ao diferenciar motivos conscientes ou inconscientes, no qual, o consciente, quando ambos desejam ou de preencher algum “vazio íntimo”. O motivo inconsciente é no caso de uma má utilização dos métodos contraceptivos e consideram um “acidente“, a título de exemplo é o que a Michela contou, como a entrevista documenta:

*(...) Minha amiga Raquel ficou grávida do Ricardo ainda a estudarmos na Secundária. Raquel era uma menina que tinha tudo em casa, mal os pais descobriram que estava grávida, o pai exigiu uma apresentação. Raquel me contou que eles não pretendiam ter um filho e que o mesmo surgiu de forma inesperada. Hoje Raquel e Ricardo vivem juntos em Tchumene em casa dos pais de Ricardo, ela já tem uma segunda filha chamada Chantel (...) “Michela 29 anos, cabeleira de Mafalala entrevista semiestruturada”.*

Por seu turno, a decisão de continuar ou não com a gestação é muitas vezes atribuída a mulher pelo facto de a mesma apresentar o poder de executar. Contudo, após o nascimento do primeiro filho, existe um esforço individual ou colectivo para que a tomada de decisão do segundo filho seja de forma consciente. De salientar que em todas as narrativas existem terceiros envolvidos de forma activa no processo de tomada de decisão de quando e quantos filhos ter.

Estes trechos mostram, de forma implícita, que o poder pode ser instável e manipulado, por outro lado mostram que todas as relações não podem ser vistas de forma isolada, onde simplesmente existem os parceiros. As relações devem ser vistas de forma colectiva onde existem actores externos, como a família, amigos, conhecidos, que influenciam directamente nas decisões do casal, como a entrevista documenta:

*(...) Ela sempre vinha na época para aqui no salão contava-me tudo, ela é que quis ter um segundo filho enquanto Ricardo não queria, pois para ele ainda não tinham dinheiro para alimentar dois filhos. Raquel dizia que nesses assuntos ele não entra porque como a Mãe dela diz daqui a algum tempo ela não será mulher para ter filhos. Sabe nesses assuntos a mulher é que decide, o homem pode dizer sim ou não mas se uma mulher não quer é nada acontece (...). “Michela 29 anos, cabeleira de Mafalala entrevista semiestruturada”.*

As narrativas contadas por pessoas próximas dos meus interlocutores mostram que os casais desenvolvem formas alternativas de exercer o seu poder na tomada de decisão de quando e quantos filhos ter, tal quais acima mencionadas. Alguns casais usam o “silêncio” como uma forma de poder. Alguns indivíduos optam por se manter em silêncio durante o processo de tomada de decisão sobre quando e quantos filhos ter, existindo ou não uma abertura para diálogo, portanto, estes demonstram o seu posicionamento através das suas acções, como a entrevista documenta:

*(...) Daniel, o jovem que vive perto da farmácia conheceu a parceira ainda "kid"<sup>6</sup>. Depois de anos juntos, oficializaram o namoro e começaram a viver juntos, a moça queria muito estudar. Eles formavam um lindo casal, tudo mudou quando a "Kota"<sup>7</sup> Começou a lhe agitar para ter um filho, eu sempre lhe dizia "bro"<sup>8</sup> Ainda são jovens agradeça pela mulher que tens tentem fazer vossa coisa, desenvolverem, ele me dizia que para a família dele ele já não era homem por viver cinco anos sem ter nem um filho, ele tentou diversas vezes, até tentou aquele truque de tirar o preservativo no ato sexual (rindo e exaltando), mas a moça não queria e nada foi feito, por esse motivo se separaram agora, vive como um desgraçado (...). “Dinho 37 anos, vendedor de telemóveis no mercado estrela, entrevista semiestruturada“*

O número de filhos é algo ambíguo para alguns interlocutores, pois é singular e influenciado, muitas vezes, pela sua experiência individual, valores pré-concebidos pela família de origem, dos diferentes espaços de socialização secundária como a igreja, escola, bairro, província, país, incluindo os virtuais como filmes, séries, novelas, redes sociais, que o indivíduo têm ao longo da vida. Vejamos:

*(...) Hoje em dia está na moda ter, no máximo, três filhos. Ter muitos filhos já não dá, primeiro para sustentar a vida esta cara minha irmã (...) “Michela 29 anos, cabeleireira de Mafalala entrevista semiestruturada“.*

*(...) Eu cresci em uma família grande eramos nove no total, já imaginas a confusão, por isso eu sempre quis também ter uma casa assim, mas hoje em dia mudei de opinião porque “cobiço” muitas famílias bem-sucedidas, por exemplo dos filmes das séries que vejo não tem muitas crianças, pelo menos 2 filhos. Mesmo aqui em Moçambique o cenário está a mudar (...) “Dinho 37 anos, vendedor de telemóveis no mercado estrela, entrevista semiestruturada“.*

Para entender o exercício do poder, na tomada de decisão de quando e quantos filhos ter, precisamos considerar que o poder flui todos os dias nas relações quotidianas. As diferentes formas como o poder é perpetuado e negociado, dentro das relações, pode revelar a influência dos diferentes espaços que o indivíduo passa ao longo da vida, a semelhança do que explica Foucault (1979).

---

<sup>6</sup>Kid/Kids é uma expressão do calão usada para designar criança/crianças.

<sup>7</sup>Kota é uma expressão do calão usada para designar pai/mãe.

<sup>8</sup>Bro é uma expressão do calão usada para designar amigo.

## 5.2 Noções de concepção entre casais

A expressão filho pode representar diferentes significados, dependendo do contexto. Em alguns contextos, um filho pode ser associado a um elemento importante para tornar as relações conjugais mais sólidas.

Nas relações quotidianas, um filho também pode ser associado a um escudo de autoproteção e de força. De autoproteção pois segundo a pesquisa ter um filho\filhos faz com que as mulheres protejam-se dos ataques da família como também da sociedade. Como exemplo, tem-se o que a Marta disse, a explicar sobre a importância dos filhos nas relações, tal como documentam as entrevistas:

*(...) Eu tenho seis filhos, hoje em dia tenho netinhos. Minha filha, um filho é o que faz um casamento ganhar força, se uma mulher casa-se mesmo sendo uma boa esposa, sem ter um filho para dar o seu marido você não é nada, a família do seu marido te trata como lixo....Quando você e o seu parceiro estiverem para formar uma família, devem primeiro respeitar-se como homem e mulher e respeitar a família do seu marido porque eles são teus “maridos” também, (...) sendo mulher, deves manter relações sexuais com seu marido sempre, depois as crianças vão aparecer. Vamos fazer como? Mulher veio ao mundo para sofrer*  
*(...) “Joana 52 anos, vendedeira do mercado Xipamanine, entrevista semiestruturada“.*

*(...) Eu acho que um filho ou filhos é, sobretudo, fruto do amor que os pais sentem um pelo outro, com um filho a relação fica mais forte e bonita, ficamos uma família completa de verdade. (...) “Marta 30 anos, vendedeira do mercado de Xipamanine, entrevista semiestruturada“.*

A ideia de ter um filho também pode ser associada a uma prova social da virilidade masculina, em um determinado contexto, a exemplo, temos o Armando que relacionou filho com a ideia de “homem de verdade“:

*(...) Ter um filho é muito importante para um casal, pois se o casal tiver um filho, nunca morre (rindo), um homem de verdade deve ter filho. A ideia de ter um filho depende da pessoa, por exemplo, a mim que estás a me ver, meu pai sempre disse que um homem deve ter a casa cheia de filhos, para quando um te negar outros te cuidarem. Minha filha, eu nunca pensei para ter um filho...*

*(rindo alto), me fizeste rir hoje minha filha, subitamente a mulher fica grávida, é assim que acontece, mas mulher foi feita pra quê? Deve dar filhos ao seu marido, o importante é, desde o momento que você sabe que tem esposa, sendo homem, garantir o pão na mesa, o resto é só txova-txova<sup>9</sup> (...) “Armando 56 anos, entrevista semiestruturada“.*

O esforço colectivo ou individual de provar que é “homem de verdade“ é uma resposta constante que os indivíduos, em determinados contextos, dão ao longo da vida, relacionando com os valores pré-concebidos da noção de masculinidade. Ter ou não um filho pode determinar a inclusão ou exclusão de indivíduos em um determinado contexto, a exemplo é que o Eusébio disse:

*(...) Por exemplo se eu não tiver um filho até aos 35 anos, meus amigos podem olhar-me mal, meus amigos nem falo, podem achar que na faço filhos, alguns falam da importância da mulher ter filhos logo mas mesmo nos homens muitas vezes não somos bem olhados (...)“ Eusébio 30 anos, contabilista, entrevista semiestruturada“.*

Apesar de a ideia de ter um filho representar diferentes significados, tanto o primeiro grupo, o que associa a ideia de ter um filho como um elemento de união, fortificação e autoproteção, quanto o segundo grupo, o que associa a ideia de ter um filho como prova da masculinidade, mostram-se preocupados com a aceitação social.

Uma situação financeira minimamente estável, um emprego, trabalho momentâneo ou uma verba mensal e uma oficialização da relação, podem ser os principais requisitos a considerar antes de ter um filho, isso para alguns interlocutores. Tal como interlocutores das zonas urbanas e periurbanas, a exemplo do que Cláudio e Dinho explicam:

*(...) No meu ponto de vista, antes de ter um filho, o casal deve oficializar aquela relação, porque há situações em que a criança pode ter problemas, portanto, deve fazer-se a oficialização da relação, o homem deve verificar se está minimamente preparado financeiramente, daí pode dizer a esposa para ter um filho... o homem, coitado, é que depois sofre, pois no dia seguinte é só pai estou a pedir dinheiro de fralda, pai estou a pedir isto, principalmente agora que a*

---

<sup>9</sup>Txova-txova é uma expressão da gíria, usada para designar uma vida difícil e cheia de sacrifício.

*situação está mal, não é fácil (...)* “Cláudio 36 anos, Carpinteiro, entrevista semiestruturada“.

*(...) Eu acho que cada pessoa tem a sua ideia, mas para mim, antes de você ter filhos deve pelo menos ter um trabalho, para sustentar aquele bebé... hoje em dia não é fácil, só um pacote de fraldas quanto custa? Uma lata de Leite? Papinha? Iogurte? Depois tudo cai para nos homens... Outra coisa importante é por exemplo, no meu caso, minha esposa que veio viver com minha família... antes de ter filhos com aquela mulher debes primeiro ver como ela se comporta com teus pais se é boa esposa, ou nora entendes (...)* “Dinho 37 anos, Vendedor de telemóveis no mercado Estrela, entrevista semiestruturada“.

Por seu turno, existe uma outra dimensão transversal, os interlocutores mais velhos mostram que antes de ter um filho, o principal requisito a considerar é de ter um(a) parceiro(a) e alimentação. Isto é um processo que surge de forma natural, a exemplo foi o que a Quitéria e o António explicaram, ao enquadrar requisitos importantes a considerar antes de ter filhos, tal como as entrevistas documentam:

*(...) Eu e o meu marido, como somos de muito tempo, nós simplesmente nos conhecemos, apaixonamos-mos e nos envolvemos sexualmente, daí tive que ir viver com ele. Antes de tudo você só deve escolher o teu futuro marido. Por exemplo lá na nossa terra temos gado, galinhas, porcos e muitas hortaliças na machamba, não há problemas quanto à alimentação como aqui em Maputo (...)* “Quitéria 48 anos, curandeira, entrevista semiestruturada“

*(...) Tudo há muito tempo, era de forma rápida e simples, as vezes podias apreciar uma determinada mulher e falar com os seus pais a ajudarem a torná-la tua mulher, desde então, levas para a sua casa e depois vocês têm filhos (...)* “António, 65 anos, Alfaiate, entrevista semiestruturada“

As prioridades e os interesses que os indivíduos almejam antes de ter um filho, têm uma grande influência com o contexto e as representações colectivas em torno da ideia de ter um filho. De forma geral, a pesquisa revelou que para alguns interlocutores, a exemplo do Dinho e o Cláudio, com 37 e 36 anos respectivamente, ambos provenientes de zonas urbanas e periurbanas, priorizaram a questão financeira como o requisito principal a considerar antes de ter um filho. Contrariamente, os outros interlocutores, a exemplo do

António e da Quitéria, com 65 e 48 anos, ambos mais velhos e provenientes das zonas rurais, priorizaram a escolha do parceiro\|a como requisito principal.

## **Capítulo VI: Critério de diferenciação nas opções para ter filhos**

Na tomada de decisão do período e do número de filhos, os indivíduos e/ou casais formulam, estruturam, bem como negociam, independente da abertura de diálogo, de modo a encaixar nos modelos pré-definidos individualmente. Como escreve Foucault (1979), o poder não é homogéneo e não pode ser apropriado como um bem, o poder não está constituído em ideologias, mas sim em um conjunto de técnicas que foram refinando-se como a ciência de forma a alcançar os seus objectivos de dominar.

Ao longo da vida, os indivíduos constroem determinados modelos de ter filhos, de acordo com a idade e\|ou situação económica. Estes modelos resultam de valores pré-concebidos pela família de origem, de diferentes espaços de socialização secundária como a igreja, escola, bairro, província, país, incluindo os virtuais como filmes, séries, novelas e redes sociais.

A tomada de decisão de período e número de filhos, pode ser um assunto relevante ou irrelevante dependendo da forma como o assunto é priorizado para os indivíduos e\|ou casais envolvidos neste processo. Para alguns indivíduos, o diálogo sobre a tomada de decisão do período e número de filhos é irrelevante, pois a cultura não prevê como prioritário, visto que no momento em que um casal une-se, existe uma disponibilidade automática do corpo da mulher para gerar filhos, a exemplo é o que António, de 65 anos, com seis filhos e a Joana, de 52 anos, com seis filhos que explicam:

*(...) Na minha opinião, quando você vai viver com o seu marido, deve ter logo filhos, se uma mulher casa deve saber que deve ter filhos. Afinal, família o que é? (...) “António, 65 anos, Alfaiate, entrevista semiestruturada“.*

*(...) Quando casar ou vás viver com seu marido, tens que ter um filho, praticamente é uma coisa que todos sabem, ninguém precisa de dizer. O filho faz parte de qualquer casamento (...) “Joana 52 anos, vendedeira de rachel, entrevista semiestruturada“.*

Por seu turno, em outros contextos, o diálogo sobre a tomada de decisão de quando e quantos filhos ter é um assunto relevante, principalmente após o nascimento do primeiro filho. Após este nascimento, os casais comparam suas metas, perspectivas de vida,

vivências e fazem ajustes e reajustes em forma de diálogo ou então procuram formas alternativas para exercer o poder dentro das relações, a exemplo disso é o que o Eusébio, jovem de 30 anos, com dois filhos, diz:

*(...) Muitas vezes, principalmente aqui em Maputo, os casais fazem sexo sem proteção, este facto leva a existência de muitas gravidezes indesejáveis, daí eles decidem ou não em viver maritalmente. Outros casais oficializam a relação e o primeiro filho surge como fruto esperado de qualquer casamento, daí começam a fazer planos (...)* “Eusébio, 30 anos, contabilista, entrevista semiestruturada“.

Simultaneamente, em outros casos, associa-se a relevância do diálogo sobre a tomada de decisão de ter filhos à do número de filhos, como também ao adiamento de maternidade. Por um lado os indivíduos procuram relacionar o número de filhos com a renda mensal, de modo que consigam arcar com as despesas. Outros indivíduos optam por adiar a maternidade de modo que tenham uma situação estável e favorável para depois ter um filho. A exemplo disso é o que a Linade, 27 anos, com três filhos, explica:

*(...) A vida está cada vez mais difícil, para sustentar uma criança, não é nada fácil, é por isso que a maior parte das pessoas prefere se organizar primeiro, estudar ou trabalhar, para ter o mínimo para oferecer(...)* ”Lina, 27, vendedeira roupa, credito no mercado da Mafalala“

A relevância do diálogo sobre a tomada de decisão do período e número de filhos dentro das relações, pode estar associada à facilidade de contactos secundários e virtuais, que os indivíduos têm ao longo da vida, no outro prisma, pode estar associada a preocupação com a situação financeira.

A semelhança do que explica a Marta, jovem de 30 anos, com dois filhos, que considera o diálogo sobre a tomada de decisão de período e número de filhos, um assunto relevante, na medida em que o número de filhos é associado à presença ou ausência de modernidade, como as entrevistas documentam:

*(...) Os tempos são outros, talvez nas zonas do campo é que tem muitos filhos como se estivesse a despedir o mundo. Não vou negar aqui uma e outra irmã ter muitos filhos, mas nós jovens que temos uma visão mais moderna, fazemos um, dois no máximo três filhos (...)* “Marta 30 anos, vendedeira do mercado de Xipamanine, entrevista semiestruturada“

Apesar da falta de abertura para o diálogo, tanto o primeiro, que acham o diálogo sobre o período e o número de filhos irrelevante, como o segundo grupo, que acham o diálogo relevante, recorrem a formas alternativas de negociação para exercer o poder na tomada de decisão do período e número de filhos.

Os casais ou indivíduos desenvolvem, entre si, suas próprias ferramentas, criam estratégias por meio de táticas para persuadir a negociação, baseadas no conhecimento, ao longo do namoro, bem como da relação diária à semelhança do que Wolf (1996) explica, definindo o poder como um aspecto comum em todas as relações entre pessoas e é visto como um elemento fluido e equilibrado, que faz parte de um jogo onde há alguns que perdem e outros que ganham, vejamos:

*(...) Eu já estava cansada de todos anos estar a nascer, além destes meus seis filhos vivos, tive mais três que morreram. Eu falei com meu marido a dizer que já chegava esses mais ele não queria ouvir, há muito tempo não era como agora, vocês têm sorte de ter comprimidos, mas nós não tínhamos escolha. Um dia eu decidi, porque já estava cansada, deixei de manter relações sexuais com ele, chamou os padrinhos e decidimos parar de ter filhos (...)* “Joana 58 anos, vendedeira de sumo, iogurte e gelinho de *malambe*<sup>10</sup> e roupas usadas em Mafalala, entrevista semiestruturada“.

*(...) Por exemplo eu vivia em casa de uma minha tia chata, eu sou órfã. Eu conheci o Rui, nos apaixonamos, pedi para que ele me engravidasse, o Rui deu voltas, eu fiz de tudo para fazer o namoro ficar mais sério, daí conheci as irmãs e a minha sogra, fiz de tudo para ser a melhor nora (fazer limpeza na casa, cozinhar, e oferecer presentes a sogra) daí Rui nem passou um mês disse que eu já poderia dar um Júnior e me convidou para viver com eles (...)* “Lina, 27, vendedeira roupa, crédito no mercado da Mafalala“

Outros casais optam por usar acordos ou trocas como uma forma alternativa de negociação na tomada de decisão de quando e quantos filhos ter, como as entrevistas documentam:

*(...) Sabe, cada casal se conhece, entendes? Sabem como conversar entre eles para ver se dá ou não, as condições estão razoáveis ou não. No nosso caso, por*

---

<sup>10</sup>Malambe é um fruto branco tirado de um embondeiro chamado Baobá Africano. Deste fruto são feitos vários derivados como sumos, iogurtes, cremes, gelinhos...

*exemplo, eu e a minha esposa decidimos que vamos mudar. Eu queria ter só um filho. Então eu a pedi um filho e ela, por sua vez, pediu-me para ter o outro também. Entre nós decidimos tudo. Eu darei o nome e ela dará ao segundo. Deu certo, os dois cuidamos dos nossos filhos (...)* “Júlio, 44 anos, desempregado, entrevista semiestruturada“.

*(...) Minha cliente disse que depois que teve o primeiro filho, não queria saber de maternidade, então o marido depois de tantas tentativas lhe prometeu um carro e ela não pensou duas vezes (...)* “Michela 29 anos, cabeleira de Mafalala entrevista semiestruturada“.

Os acordos dão a sensação de que uma ou as duas partes envolvidas no processo da negociação sairão beneficiadas. Essas trocas servem de *gatilhos emocionais*<sup>11</sup> perpetuados de forma propositada pelo influenciador para influenciar o outro.

O silêncio também pode ser considerado uma forma de exercer poder na tomada de decisão de quando e quantos filhos ter. Alguns indivíduos optam por se manter em silêncio durante o processo de tomada de decisão sobre quando e quantos filhos ter, existindo ou não uma abertura para diálogo e demonstram o seu posicionamento através das suas acções, como a entrevista documenta:

*(...) Por exemplo a Michela, ela insistia em ter um filho ainda a namorarmos, dizia sempre que as amigas tinham ou porque ela não se sentia mulher ou então porque também quer oficialização da relação, de forma inesperada disse que estava grávida, mas ela sempre dizia que tomava vacina anticoncepcional e por conta disso tivemos que nos juntar, a mulher tem força mesmo (...)* “ Eusébio, 30 anos, contabilista, entrevista semiestruturada“.

*(...) O homem e a sua família não entram em assuntos relacionados com a gravidez. A família pode dizer para gerares um filho, você tomar remédio e ficar calada (...)* *Principalmente na primeira gravidez, talvez nas outras um homem pode insistir a mulher a ceder. A criança sai do seu ventre, ninguém vai sentir aquelas dores, excepto tu. Muitos clientes vêm pedir que eu ajude a conceber, eu ajudo mas as vezes as mulheres tomam medicamentos e dá errado (...)* “Quitéria 48 anos, curandeira, entrevista semiestruturada“

---

<sup>11</sup>Gatilhos emocionais são palavras ou objectos que provocam uma reacção emocional.

*(...) Hoje em dia, minha irmã, as mulheres é que mandam, se formos a ver a maior parte dos jovens que se casam é porque a mulher está grávida, um e outro é que não. Sabes, mesmo a minha mãe e a minha família conversarem com ela, se ela não quiser, ela não terá o filho. A mulher é esperta, pode tomar comprimidos ou tirar sem te dizer (...)* “Eusébio 30 anos, contabilista, entrevista semiestruturada“

As expressões família e sociedade são frequentemente mencionadas nas conversas com os interlocutores. Este facto fez-me entender a família e a sociedade como parte de qualquer relação. A família ou a sociedade pode ser um elemento de persuasão e ou uma chave de inclusão ou de exclusão de indivíduos em determinado meio, documenta-se:

*(...) Ser preto é difícil, eu tive duas meninas Lyane e Leonora, e como vês estou grávida do terceiro, porque os familiares do meu marido pediram e porque dizem que ninguém vai dar continuidade com o apelido. Cá entre nós tem uma tia que até uma vez me disse que estou a acabar arroz em vão (...)* “Michela 29 anos, cabeleireira de Mafalala entrevista semiestruturada“.

*(...) Minhas tias influenciaram-me, diziam que eu deveria gerar mais filhos sendo que eu era o único. Ainda tem preguiça de fazer filhos para te fazer companhia? Nós tivemos aquela criança por raiva de comentários de pessoas, se fosse por nós, já estávamos bem, minha esposa também já não queria (...)* “Júlio, 44 anos, desempregado, entrevista semiestruturada“.

Os casais ou indivíduos fazem constantes ajustes e reajustes, ao longo da vida, para responder à pressão social. Contudo, com os dados apresentados nesta secção compreendi como o poder é negociado e flui na relação na tomada de decisão de quando e quantos filhos ter. Em alguns momentos os parceiros exercem poder sobre as parceiras e em outros momentos, as parceiras exercem o poder sobre os parceiros. Ninguém é titular do poder. Estes resultados reforçam a ideia do *poder* como algo fluido, negociável e construído em cada relação específica, como defendem (Boris, 2012; Foucault, 1979; Silva et al, 2012; Tavares, 1996; Wolf, 1996).

## **Capítulo VII: Considerações finais**

O presente trabalho analisou experiências e representações individuais e colectivas sobre quando e quantos filhos ter, no bairro da Mafalala, cidade de Maputo. Como forma de compreender as diferentes formas do exercício do poder, dentro das relações. Para tal explorei experiências, vivências e histórias individuais e colectivas sobre a tomada de decisão de quando e quantos filhos ter, tendo em conta a perspetiva teórica de Foucault (1979) que considera sobretudo o poder como uma prática social em constante transformação.

A partir da sistematização da informação recolhida e da descrição das experiências em torno da ideia de quando e quantos filhos ter entre os residentes da Mafalala, percebi que o percurso de vida, a crença, os contextos e os contactos pelos quais o indivíduo passou ou \passa ao longo da sua trajetória influencia comportamentos, opiniões, e decisões dentro das relações. Os indivíduos podem desenvolver a sua opinião sobre a ideia de quando e quantos filhos ter, a partir da sua experiência individual (valores preconcebidos pela família de origem), dos diferentes espaços de socialização secundária (igreja, escola, bairro, província, país), incluindo os virtuais como (filmes, series, novelas, redes sociais) que o indivíduo têm ao longo da vida. Conclui-se também que as diversas opiniões individuais podem ser mutáveis ao longo da vida.

Os interlocutores mais velhos da pesquisa, como é o caso do António, da Joana e Esperança têm mais filhos. Segundo os interlocutores, este facto deve-se, sobretudo, aos valores pré-concebidos da família de origem e dos valores atribuídos na geração passada. Para este grupo, bem como para indivíduos com alguma influência religiosa, como é o caso da Esperança, o período e o número de filhos não é discutido no seio do casal ou na família, porque é previsto que a união de um casal disponibilize, automaticamente, a possibilidade da mulher gerar filhos.

Contrariamente, observou-se que interlocutores mais novos, como é o caso da Michela, Dinho, Lina e Marta (dados presentes na tabela de descrição dos participantes) têm menos filhos. Segundo os interlocutores, este facto deve-se à pluralidade de informações que eles têm, bem como ao elevado custo de vida em Moçambique.

Contudo, apesar da falta de abertura para o primeiro grupo, que não privilegia o diálogo, percebi que tanto o primeiro, como o segundo grupo, que privilegia o diálogo, desenvolvem as suas próprias ferramentas e criam as estratégias por meio de táticas,

por exemplo usar a sogra para persuadir o marido, ou negar de manter relações sexuais com o parceiro. As vezes fazem-se acordos entre si em que um cede às vontades do outro, trocas, onde se oferece algo em troca do filho e de negociação, baseada no conhecimento ao longo do namoro bem como da relação diária. Como reitera Wolf (1996), o poder é um aspecto comum em todas as relações entre pessoas e é visto como um elemento fluido e equilibrado que faz parte de um jogo onde há alguns que perdem, outros que ganham.

Percebi ainda que para além das formas alternativas acima mencionadas, os casais usam o “silêncio” como uma forma de poder. Alguns indivíduos optam por se manter em silêncio durante o processo de tomada de decisão sobre quando e quantos filhos ter. Portanto, estes demonstram o seu posicionamento através das suas acções, por exemplo, o uso de anticonceptivos sem o conhecimento do parceiro.

Outros interlocutores, como a Michela, consideram que a actual geração também tem tido menos filhos pela incessante necessidade de crescer profissionalmente, o que causa, de certa forma, um adiamento da maternidade.

De salientar que, com os resultados da pesquisa, percebi que uma relação não pode ser vista de forma isolada, em que simplesmente existem os parceiros. As relações devem ser vistas de forma colectiva onde existem actores externos, família, amigos, conhecidos, que influenciam, directamente, nas decisões do casal.

Por fim, compreendi que, fazer o acompanhamento das vivências e das características das pessoas envolvidas na tomada de decisão de quando e quantos filhos ter faz perceber ideias e perspectivas que os indivíduos têm sobre este processo. O exercício do poder, propriamente dito, é um papel em branco, onde hoje eu sou a escritora e amanhã sou apenas a observadora.

O presente estudo é uma pesquisa de carácter exploratório, que oferece dados e, simultaneamente, convida o leitor a pensar sobre o poder dentro das relações conjugais como algo fluido, mutável e negociável.

Sendo assim, os resultados deste estudo contribuem para expandir as possibilidades de novos estudos sobre a reprodução em Moçambique, olhando não só pelo âmbito biológico, mas também abrindo espaço para outros campos do saber.

Importa referir ainda que os resultados do presente trabalho podem ser usados para informar políticos, associações, ONGS e demais grupos da sociedade civil que lidam com o assunto, por forma a ter uma melhor compreensão do fenómeno. O estudo é de carácter exploratório e o mesmo carece de aprofundamentos em pesquisas futuras.

*“O poder fala várias línguas e muitas vezes o som é impercetível”*

Maria Luísa Ngana

## Referências bibliográficas

Amâncio, Lígia. 1994. “Das Diferenças entre Sexos a Diferenciação Social entre os Homens Mulheres”. In: *Masculino e Feminino A Construção Social da Diferença*. Porto: Edições Afrotamento. 2ªEdicao.

Andrade, Ximena; et al- DAA. 1998. “A mulher e a lei na Africa Austral Investigação e Educação. In: *Família em contexto de mudança em Moçambique*, Imprensa Universitária, Maputo.

Boehs, Astrid Eggert.2002. “Análise dos Conceitos de Negociação, Acomodação da Teoria de M. Leininger”. *Revista Latino-Am Enfermagem*. Vol. 10, N°1, pp. 90-6.

Daniel, Camila. 2011. “O trabalho e a Questão do Género: Participação das Mulheres na Dinâmica do Trabalho”. *O social em Questão*. Vol. XIV, N° 25/26, pp.323-344.

Foucault, Michel. 1979. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 21ªEdicao.

Heilborn, M.L.1998.“Gravidez na adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social” Vieira, Elizabeth M., Fernandes, M. E. L.;Bailey, P. e McKay, A. (orgs.). *Seminário de Gravidez na Adolescência, Saúde do Adolescente*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, Projecto de Estudos da Mulher\Family Health International\Associação Saúde da Família.

Hiarata, Helena; Kergoat, Daniele. 2007. “Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho”. *Cadernos de Pesquisa*. Vol.37, N°132, pp.695-609.

Loforte, A. (2003). *Género e Poder entre os Tsongas de Moçambique*. Lisboa: Ela por Ela.

Macia, Manuel; Maharaj, Pranitha. 2013. “As noções de masculinidade mais dominantes que influenciam o comportamento sexual dos homens em Moçambique”. In: *Mosaico Sociológico*.

Maposse, Deize; Maculve Dionísia. 2019. *Participação Política das Mulheres Jovens em Maputo*. Maputo cidade: Oxfam.

Peirano, Mariza. 1995. *A Favor da Etnografia, Rio de Janeiro, Relume-Dumara*. Pp.31-58.

Pelloso, Sandra; Dourado, Viviane. 2006. *Gravidez de alto risco: o desejo de programação de uma gestação*. Pp. 70-73.

Rodrigues, Luiz Carlos De Oliveira; Vilmar, José. 2013. “ O processo de Negociação, sua Estrutura e a Importância no Contexto Actual”. *Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*. Resende, Pp. 32-42.

Silva, Joice de Souza Freitas; et al- DAA. 2004. “Relações de Género no Mundo do Trabalho: Um Estudo com Mulheres Feirantes no Interior da Bahia”. *ENANPAD*. Pp.1-16.

Tavares Fernanda Pereira. 1996. “A Cultura Organizacional com um instrumento de Poder”. *Caderno de Pesquisa de Administração*. Vol. 1, Nº35, Pp.1-5.

Viesenteiner, Jorge Luiz. 2012. “Nietzsche e o Projecto Critico de Superação da Compreensibilidade” *Cadernos Nietzsche*. Vol. 32, 32, Pp. 297-318.

Weber, Max. 1982. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro. LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.